Publicação trimestral . ano X . n.38 . jul/ago/set 2013

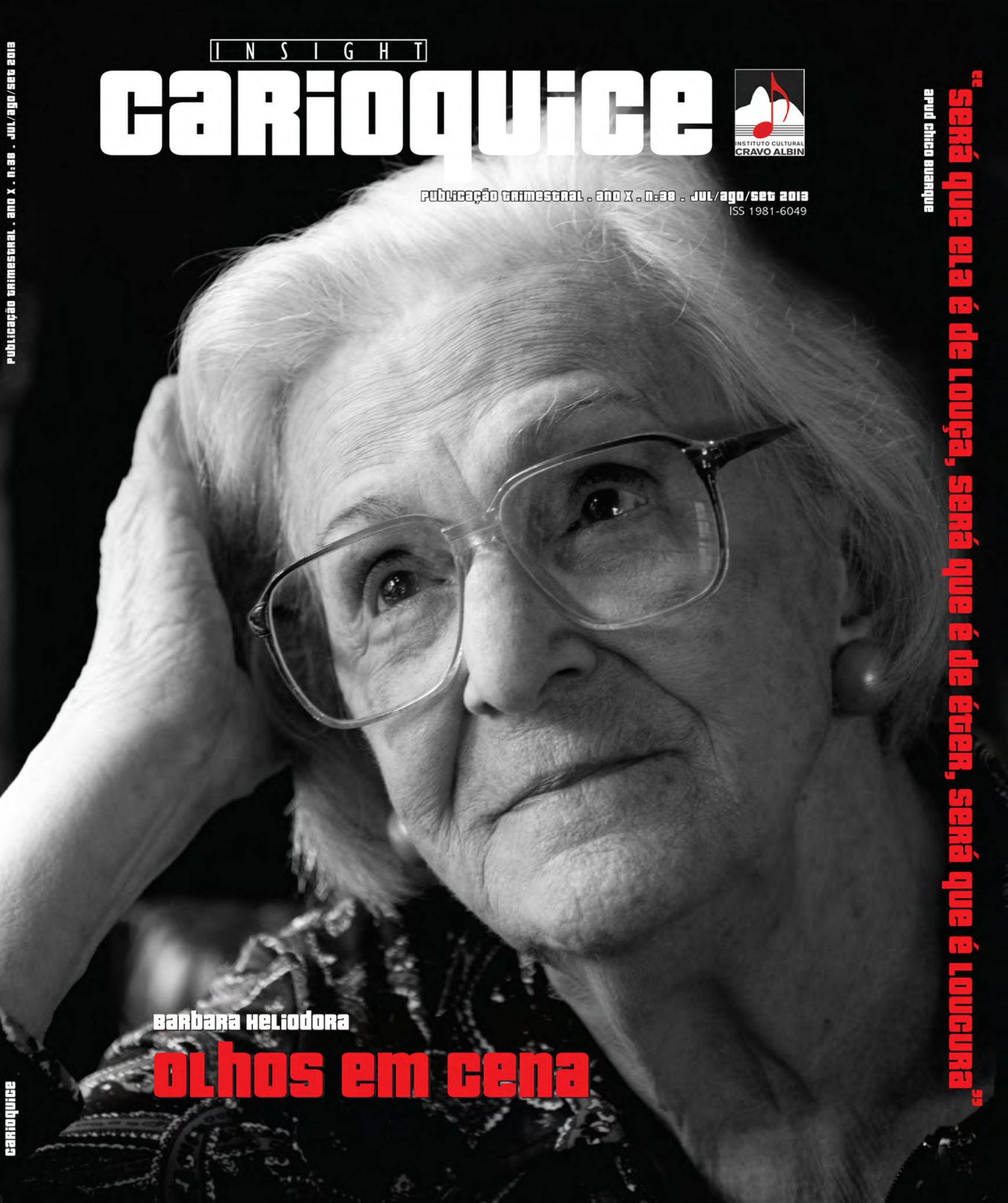
INSIGHT

cariquice

Publicação trimestral . ano X . n.38 . jul/ago/set 2013
ISS 1981-6049

INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN

"Será que ela é de louça, será que é de éter, será que é loucura"
Apud Chico Buarque



Barbara Heliodora

Olhos em cena

Cariquice

+ID
MOVIMENTO +ID.
NÃO É SÓ UMA IDEIA.
É COMO ELA PODE
MUDAR O MUNDO.
Incentivamos donos de bares e restaurantes a pedir o RG quando alguém comprar cerveja.
Cada vez mais pessoas estão se conscientizando sobre a importância deste assunto.
Assim, protegemos os adolescentes e ajudamos a construir uma sociedade melhor para todos.
PROIBIDO PLASTIFICAR
VENDA E CONSUMO PROIBIDOS PARA MENORES DE 18 ANOS
LODUCCA
ambev
juntos por um mundo melhor

a benção, vinicius!

Esquina do Ricardo

O país celebra — e até deveria celebrar mais — o centenário de Vinicius de Moraes neste 2013.

Poetinha, o Vinicius de Moraes? Qual o quê. Vinicius foi, é e sempre será um poetaço, um maior, um iluminado. O apelido só era permissível aos que lhe foram íntimos, além desse diminutivo ser um carinho dos que lhe queriam bem.

O poeta sempre foi plural, tanto no que se refere às suas múltiplas atividades culturais quanto por seu nome. Segundo Sérgio Porto, ele dizia, com muita graça, que se não fosse plural se chamaria Vinicio de Moral. E a moral é muito relativa, acrescentava com fina ironia.

Plural no fazer, na diversidade, no ato de viver, Vinicius ostentou uma trajetória memorável. Desde os anos 1930, fazendo-se simultaneamente poeta e jornalista, chegou a exercer crítica de cinema, quando se abriu para mais uma empreitada: a defesa do cinema mudo. A preferência pela música popular já se manifestava desde os bancos escolares do Colégio Santo Inácio, com o foxtrote *Loura ou Morena*, musicado e cantado pelos Irmãos Tapajós. O nome da musica indicava a constância (e a indefinição) pelas tantas mulheres e musas futuras. Fundador da Bossa Nova, Vinicius foi o pai do movimento, seu maior letrista e ainda parceiro de seus filhos, como Tom Jobin, Carlos Lira, Baden e até Chico Buarque, Edu Lobo e Francis Time, só para citar alguns.

O fato é que Vinicius seria o mais significativo letrista da MPB desde Noel Rosa ou Orestes Barbosa.

O diplomata Vinicius seria defenestrado do Itamaraty pela brutalidade do AI-5, rotulado como poetinha vagabundo e esquerdista. Logo ele, tão fazedor do belo e do eterno.

Creio que as homenagens aos seus 100 anos se iniciaram em 2010, quando foi promovido a embaixador pelo presidente da República. Fui testemunha desse ato de justiça e também colaborador para que isso ocorresse. Encarreguei-me, pelo Instituto Cravo Albin, de colher abaixo-assinado com mais de 3 mil assinaturas, destinado ao Itamaraty por meio da Fundação Alexandre de Gusmão, presidida e propulsionada pelo vigor do embaixador Jerônimo Moscardo.

Celebrando-lhe agora o centenário de nascimento, todos nos mobilizamos em exposições, shows, conferências. Em nosso Instituto da Urca, uma mostra de poemas e documentos, destinada às escolas públicas do município do Rio, ficou aberta por dois meses com documentos preciosos cedidos por sua viúva, Gilda Matoso. Inclusive manuscritos de Neruda e Chaplin.

Agora, neste outubro de 2013, o país se curva à grandeza de seu poeta. E — como ele fez no *Samba da benção* (com Baden) — todo o Brasil exclamará num grito, ou num sussurro: "A benção, Vinicius de Moraes, poeta e diplomata, o branco mais preto do Brasil, na linha de Xangô, saravá!"

Ricardo Cravo Albin

SUMÁRIO

carioquice

Nº 38 JULHO/AGOSTO/SETEMBRO DE 2013
ISS 1981-6049

É som, é sal, é mar

6 Todo o dengo que houver neste mundo

14 Trabalhadores, sambai!

Magia do olhar

20 Uma obra chamada Ricardo

Saga carioca

30 Sublime Dama de Ferro

38 Gran Teatro Cesgranrio

Causos e letras

44 Sob o céu de Aydano

Do bem comer e melhor beber

50 Pipoca moderna

Embaixador do Rio

56 Mesinha carioca
Por Amaury Temporal

EXPEDIENTE

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugenia Stein

EDITOR RESPONSAVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPORTERES
João Penido
Kelly Nascimento
Monica Sinelli

DESIGNERS
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRAFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
Cecilia Mattos Setubal
Denise Scofano Moura

CAPA
Adriana Lorete

IMPRESSÃO
Walprint

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Alfredo Marques Viana
- Ancelmo Gois
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cicero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Daniel De Pia
- Eva Mariani
- Francis Hime
- Francisco Horta
- Henrique Luz
- Humberto Eustaquio Mota
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- Jerson Lima
- João Mauricio de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Joel Nascimento (do bandolim)
- Jomar Pereira da Silva
- Jose Louzeiro
- Jose Viegas Filho
- Julio Bueno
- Júlio Lopes
- Lan
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luis Fernandes
- Luiz Alfredo Salomão
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Antonio Guarana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Malvina Tuttman
- Marcelo Carnaval
- Marco Antonio Bologna
- Marcilio Marques Moreira
- Marco Polo Moreira Leite
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mario Priolli
- Martinho da Vila
- Nelida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octavio Melo Alvarenga†
- Olivia Hime
- Oscar Niemeyer†
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Menezes Direito
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães†
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Ruy Garcia Marques
- Tito Ryff
- Veronica Dantas
- Vitor Lemos
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua do Mercado 11 / 12º andar
Cep 20010-120 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SAO PAULO
Rua Bela Cintra 746 / con.71 · Consolação
Cep 04571-090 · Tel/Fax: (11) 3284-6147
email: insightsp@insightnet.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)
Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br
www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

Rock in Rio
HAVAS RIO
LIGHT. ILUMINANDO A CIDADE DO ROCK EM 2013
E A CIDADE MARAVILHOSA HÁ MAIS DE 100 ANOS.
Light
Apoiadora do Rock in Rio 2013

Ministério da Cultura apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina

YAYOI KUSAMA

Obsessão infinita

Curadoria: Frances Morris e Philip Larratt-Smith

12 de outubro de 2013 a 5 de janeiro de 2014
CCBB Rio de Janeiro – Entrada franca

Rua 1º de Março, 66 – Centro • Quarta a segunda, das 9h às 21h
Informações: (21) 3808-2020 – **bb.com.br/cultura** @ccbb_rj /ccbb.rj
SAC **0800 729 0722** • Ouvidoria BB **0800 729 5678** • Deficiente Auditivo ou de Fala **0800 729 0088**

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

CENTRO CULTURAL

Realização

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Todo o dengo que houver neste mundo

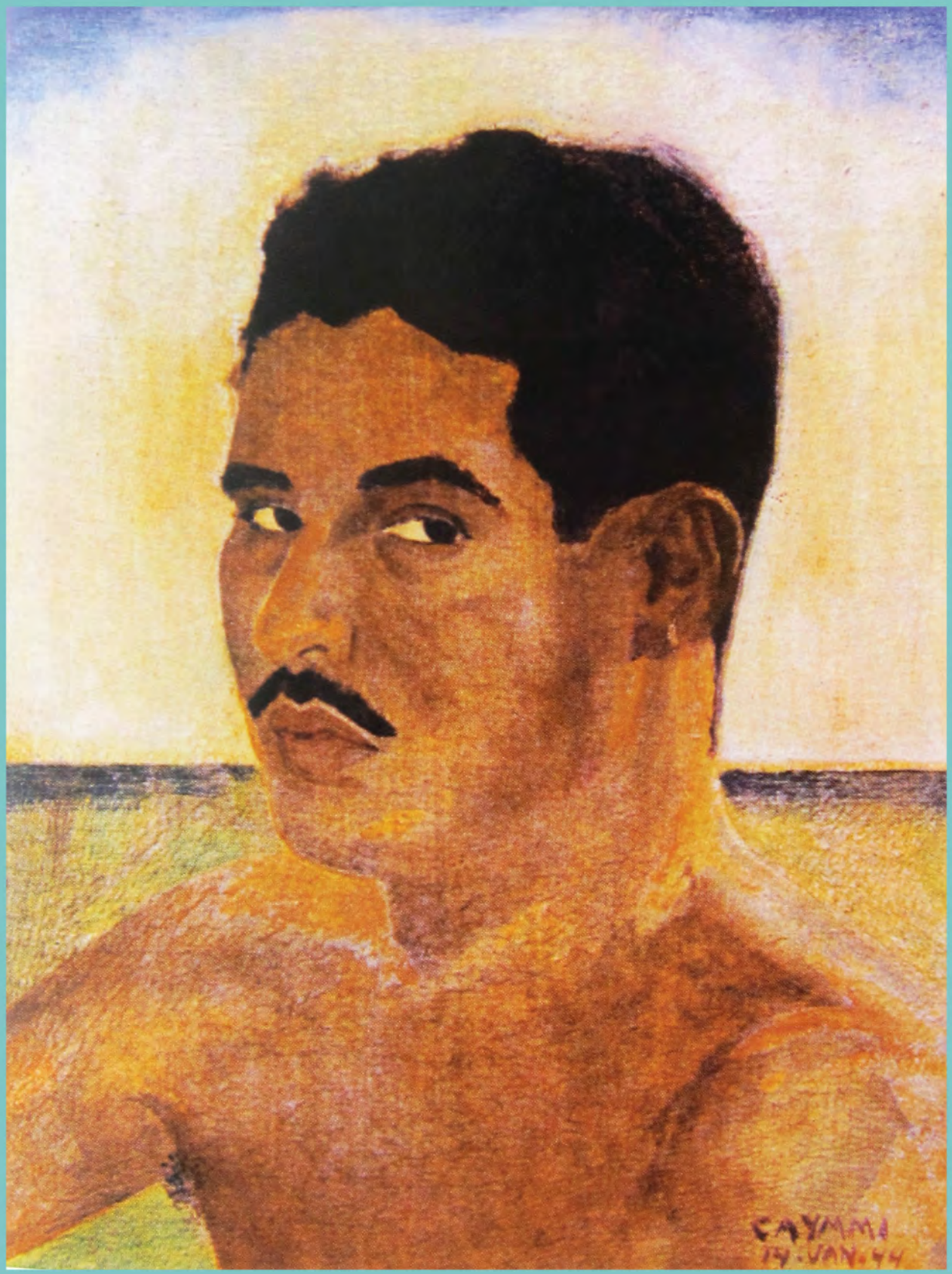
por Monica Sinelli

Quem não gosta dele bom sujeito não é. Dos sambas milongueiros, passando pelas inspiradas canções de amor, até os melancólicos temas praieiros, tudo deslizava macio nas cordas aveludadas da voz de barítono. Hoje, verbete alentado do Dicionário Cravo Albin, é com indisfarçável orgulho que proclamamos: sim, foi no Rio, aonde veio morar ainda jovem, que esse baiano puro dengo desfrutou a maior parte da vida. Que estaria alcançando o centenário em 2014, não tivesse o poeta do mar ido compor no céu há cinco anos.

Fotos: Reprodução da biografia *O mar e o tempo*

Em antecipação às futuras homenagens pela marca secular, a neta Stella Caymmi, jornalista e pesquisadora, lançou *O que é que a baiana tem?: Dorival Caymmi na Era do Rádio* (Civilização Brasileira), no último 30 de abril, data de nascimento do avô, falecido em 2008. O livro resultou de sua tese de doutorado em literatura, defendida três anos atrás.

Filha de Nana, sobrinha de Dori e Danilo, Stella remonta à trajetória do patriarca da família desde que pegou na Bahia, em 1938, o Itapé — navio a vapor que transportava cargas e passageiros de norte a sul do Brasil, na primeira metade do século 20 — para vir no Rio morar. Com um dindin que não dava para um mês, a intenção dele era


CAYMMI
14.JAN.44

Carmen pediu a meu avô que traduzisse os termos baianos, como torso, o turbante; e pano da costa, xale que as negras ricas da Bahia mandavam vir da África

estudar Direito, após uma passagem pelo setor de remessa do jornal *O Imparcial*, em Salvador.

Na Cidade Maravilhosa, o primo José Brito Pitanga instala Dorival numa pensão à rua São José 35, onde hoje funciona o terminal Menezes Côrtes. O rapaz, que aprendera violão com o pai Durval, músico amador, tendo vencido o concurso de músicas para o carnaval da Rádio Clube da Bahia, traz consigo seu instrumento (na época, sinônimo de malandragem) numa embalagem quadrada, para disfarçar. E, pelo lado pintor, também seus lápis e canetas de desenho, no intuito de arranjar um emprego na área jornalística e se sustentar até concluir o curso jurídico. Logo, os hóspedes da pensão descobrem o real conteúdo do tal pacote quadrangular – e pedem para ele tocar e cantar. O primo, enfermeiro, apresenta Dorival a seu amigo dublê de protético e já famoso compositor Assis Valente, gravado por Carmen Miranda, que o recomenda a Cesar Ladeira, diretor da poderosa rádio Mayrink Veiga, onde faz uma série de apresentações.

Mas o mesmo Cesar deixa Caymmi escapar à concorrência. Lembremos que o jovem baiano alimentava a perspectiva de usar seu talento no desenho para angariar algum dinheiro de subsistência. O primo José Brito consegue que ele seja recebido por um amigo que trabalhava em *O Cruzeiro*. Stella reconstitui: "A primeira pessoa que viu meu avô entrando na redação da revista para conversar sobre trabalho foi Millôr Fernandes, então um menino, na função de estagiário. Só que José Brito comentou sobre o talento musical do primo com o editor da revista, que resolveu marcar uma audição de Caymmi para o diretor artístico da rádio Tupi, Theóphilo de Barros Filho. Após ouvi-lo, muito admirado, Théo chamou Assis Chateaubriand, proprietário da emissora, para conhecê-lo. Chatô exclamou: 'esse homem é um telúrico, tem que entrar na taba!' Ele era doido por metáforas indígenas e considerava o pessoal dos Diários Associados uma tribo." O magnata

Dori ao piano, enquanto Danilo prepara a flauta e Nana entretém Stella Teresa (ao seu lado) e Denise Maria (no colo). Atrás, Stella Maris e Dorival

Dorival e Nana Caymmi no intervalo das gravações no estudio da Odeon, em 1960

contratou o ex-futuro advogado soteropolitano que, na sequência, migrou para as rádios Transmissora e Nacional.

Guerra de bastidores

O livro de Stella mostra que nem tudo eram flores e glamour por trás das difusões por modulação em amplitude (AM), que atingiam quase 100% do território nacional, da época de ouro das rádios no Brasil. E descreve o salve-se quem puder das competições nos bastidores, reportados pelo próprio Caymmi, as pressões do mercado fonográfico e a origem da arrecadação dos direitos autorais no país.

"Eu tinha conhecimento de uma carreira meteórica, feliz, de meu avô. Não que imaginasse que sua vida fora um mar de rosas, como se podia pensar. Mas fiquei impressionada com o que relatou, em termos das tensões e disputas na área musical durante o apogeu das rádios. O momento envolvendo o estouro do samba *O que é que a baiana tem?* — com o qual ele experimenta uma ascensão fulminante — é emblemático disso. Houve, como existe até hoje, uma tentativa de subestimar sua importância na explosão internacional de Carmen Miranda. Os compositores que a circundavam não aceitaram o sucesso instantâneo e avassalador daquele estreante de fora da roda carioca, que mal acabara de chegar à cidade e já se relacionava tão bem com a estrela. Todo mundo queria preservar seus lugares e ir com ela para os Estados Unidos", afirma.

A história da gravação da música que, ao influenciar a composição estilizada da personagem brejeira, concorreu decisivamente para o sucesso de Carmen na terra do Tio Sam merece detalhes. O diretor norte-americano Wallace Downey estava rodando no Rio um musical para lançamento no carnaval de 1939. A Pequena Notável, estrela do filme, faria um número interpretando *Na baixa do sapateiro*, de Ary Barroso. O grande compositor, porém — sabendo que os artistas participantes de produções de Downey, por uma cláusula em letras miúdas no contrato, cediam seus direitos musicais

Dorival Caymmi e Louis Armstrong, em temporada no Brasil, em novembro de 1958

Com Vinicius de Moraes

a ele —, pediu um valor alto no meio do caminho para não ser tão lesado à frente. Reivindicação imediatamente recusada pelo gringo que, com isso, se viu num sufoco, pois o cenário da Bahia (onde se situa o bairro da Baixa dos Sapateiros) já estava pronto, e os prazos de conclusão do filme se afunilavam.

Stella restaura: "Downey colocou a equipe — formada por Almirante, Braguinha, Mário Lago e o conjunto "O bando da lua", entre outros — numa operação de guerra, atrás de um samba que pudesse substituir o de Ary dentro daquele mesmo cenário. Um deles lembrou ter escutado na rádio Transmissora uma música muito boa, de um baiano recém-chegado ao Rio, sobre a sua terra. Todos foram procurar o autor e ficaram doidos com o samba *O que é que a baiana tem?*. Caymmi não sabia da história envolvendo Ary — longe de mim tomar seu lugar, fiquei bastante constrangido, diria depois —, que, obviamente, não gostou nada de ver sua canção preterida."

O fato é que, atrasadíssimas as filmagens, a equipe partiu célere com Carmen Miranda para fazer a sonorização. "Ela pediu a meu avô que traduzisse os termos baianos — torso, o turbante; pano da costa, xale que as negras ricas da Bahia mandavam vir da África para se vestir conforme seus costumes; a bolota, peça do rosário em ouro maciço; e, claro, os balangandãs, penduricalhos de origem religiosa, muitas vezes em ouro e prata, como figas e frutas, de uma corrente que elas usavam amarrada à cintura. E mais: que a ajudasse na composição dos trajes. Pegou-o na pensão, num automóvel conversível, vestida de estrela de cinema americano — aquele lenço, aqueles óculos escuros —, e o levou até o figurinista da revista *Fon Fon*, para que este desenhasse uma baiana estilizada, sob a supervisão de Caymmi." Como se não bastasse, o compositor ainda acompanhou Carmen a uma loja de material de indumentárias para o carnaval na avenida Passos (no Centro do Rio), e deu palpite na escolha dos adereços

Caymmi com Sarah Vaughan, Aloysio de Oliveira e os técnicos na gravação de "...Das Rosas", para o disco O Som Brasileiro, de Sarah Vaughan

O universo do Algodão – apelido carinhoso que Caymmi recebeu por causa dos cabelos brancos – é formado por 120 joias do quilate de *Só louco*, *Nem eu*, *Morena do mar*, *Suíte dos pescadores* e *Acalanto*

da roupa idealizada para o filme. Juntos, bolaram a personagem até hoje marca registrada da Pequena Notável. Em 1939, os dois brilhavam, no dial e nas telas.

É dengo que o nego tem

O papel fundamental das rádios na vida de Caymmi vai além do estrondoso sucesso no campo profissional. Ainda em 1939, nosso amado criador assiste, num domingo, no auditório da rádio Nacional, a um concurso de calouros no auditório da emissora. Lá, o cativante galanteador, de 24 primaveras, rende-se aos encantos dos olhos verdes de Stella Maris. A jovem e bela cantora concorrente, ao entoar *Último desejo*, de Noel Rosa, flecha irremediavelmente o coração do poeta. Casam-se em abril de 1940, tendo por testemunhas o escritor Jorge Amado e o jornalista Samuel Wainer. Vão morar no bairro do Grajaú. No ano seguinte, nasce Dinahir, a Nana, primeira filha da dupla que só a morte separaria (após o falecimento do marido, em 2008, Stella Maris não sobreviveu além de 11 dias).

Não se pode dizer, todavia, que o amor profundo que atravessou 68 anos fosse exatamente um mar de Amaralina – primeira inspiração para o menino começar a escrever suas canções praieiras. Caymmi, charmoso que só ele e já famosíssimo na década de 1940, não negava fogo ao mulherio, que se derretia e se atirava para valer no afã de conquistá-lo, bem antes que o mundo viesse a ouvir falar em feminismo. E, claro, deu uma trabalheira arretada para a esposa mineira, que, pelo que conta a jornalista, de quieta não tinha nada.

"Vovó ficava magoada, e com razão. De uma norte-americana que o raptou de carro rumo à então erma avenida Niemeyer, até uma mulher de baby-doll rosa que o surpreendeu aboletada em sua cama num hotel no Uruguai, rolou de tudo em termos de assédio. E ela, com um temperamento impulsivo, reagia, a ponto de ter quebrado a High

Jorge Amado, Dorival Caymmi e Caribé, com a ialorixá Mãe Menininha, em Salvador

O autodidatismo se estendeu à pintura, entre autorretratos e homenagens à amada Stella Maris e a símbolos religiosos

Life, uma casa noturna no Catete em moda na época. O detalhe é que só bateu nas mulheres. Mas, destemperada, e com a responsabilidade de ficar em casa sozinha cuidando dos filhos enquanto o marido estava fora, viajando, também não livrava o lado dele. Bradava: 'Caymmi, vai pra pqp...' Meu avô acabou até, injustamente, pagando o pato de, machista, ter sido o responsável por interromper a carreira de cantora da esposa. Isso não é verdade. Ela própria desistiu da ideia. Muito nova, com apenas 18 anos quando casou, estava assustada com o ambiente vivenciado nos bastidores das rádios, que envolvia muita competição e, inclusive, assédio sexual. Era, então, uma barra extremamente pesada para uma mulher bonita como ela."

algodão doce

O universo do Algodão — apelido carinhoso que Caymmi recebeu por causa dos cabelos brancos — é formado por 120 composições, volume considerado relativamente pequeno ante uma carreira longeva de mais de sete décadas. Mas a comparação perde todo sentido quando elas expressam um tesouro inestimável acumulado por joias do quilate de *Só louco*, *Nem eu*, *Morena do mar*, *Das rosas*, *Suíte dos pescadores*, *Nunca mais*,

AUMENTA A FAMÍLIA DE DORIVAL CAYMMI...

VOVÔ CAYMMI TODO BÔBO: SUA NETINHA CHEGOU

A Revista do Rádio, de 30 de março de 1963, mostrava a recém-chegada ao Brasil, a primeira neta de Caymmi, Stella Teresa Aponte Caymmi, filha de Nana e Gilberto, nascida em Caracas, na Venezuela

Saudade de Itapuã e *Acalanto*, feita para embalar a filha Nana. Preciosidades refinadas pela fluência de seu violão de sonoridade personalíssima, a evocar as doçuras e os subterrâneos de amores e dores. E, ressalte-se, sem passar por estudos formais para ler partituras – ideia que até chegou a cogitar, sendo, entretanto, dissuadido pelos renomados maestros Villa-Lobos e Radamés Gnatalli, temorosos que perdesse a espontaneidade de criador popular. O autodidatismo se estendeu à pintura, que enriqueceu ainda mais seu patrimônio artístico com uma galeria expressiva de quadros, entre autorretratos e homenagens à amada Stella Maris e a símbolos religiosos.

Biógrafa do avô, que lhe dedicou a *Canção da primeira netinha*, Stella já havia publicado dois livros em torno dele. O primeiro, *O mar e o tempo* (Editora 34), em 2001, resultado de mais de 80 horas de conversas, ao longo de dez anos, com Dorival, cuja memória prodigiosa recuperava, em minúcias, passagens ocorridas há mais de meio século. "Ele não viveu para ver o livro pronto, mas tive a honra de defender minha tese de mestrado, que o originou, na presença de meu avô. Durante as entrevistas com outros artistas para *O mar e o tempo*, Chico Buarque deu uma declaração intrigante. Ele afirmou que a Bossa Nova, por ser um movimento revolucionário, renegava muitos autores importantes, como Noel Rosa e Ataulfo Alves. Mas que não podia recusar Caymmi. Tanto que João Gilberto gravou *Rosa morena* já no disco inaugural da BN, "Chega de Saudade", em cujo prefácio, na contracapa, Tom Jobim pede o aval de meu avô ao novo estilo musical. Eu não compreendia como ele, tecnicamente distante mais de 20 anos do que estava emergindo em 1958, podia ser tão reverenciado por um movimento que tornou tudo velho de uma hora para outra. Por isso, resolvi depois escrever *Caymmi e a bossa nova - O portador inesperado* (Ibis Libris Editora, 2008), que aborda a relação estética entre eles, em comemoração aos 70 anos de carreira de meu avô e aos 50 anos da BN." Ainda em 2008, é inaugurada uma estátua de bronze em homenagem ao mestre, vizinha à colônia de pescadores no Posto 6, praia de Copacabana – bairro onde Caymmi morou desde a década de 1950. Endereço perfeito para eternizar o doce cantador do mar.

Trabalhadores, sambai!

por João Penido

Há, sim, coisas que só acontecem no Rio e que nunca dariam certo em outro lugar. Foi o que constatou o músico Moacyr Luz, autor de mais de 200 composições em parceria com celebridades, como Aldir Blanc, Martinho da Vila, Hermínio Bello de Carvalho e Paulo César Pinheiro. Uma delas chama-se *Saudades da Guanabara* e presta homenagem ao Rio. Em tom nostálgico, fala de vários locais da cidade, de seus bairros e de suas mazelas. "Chorei, com saudades da Guanabara, da Lagoa de águas claras", diz um trecho. O fim vem em tom de esperança: "Brasil/Tira as flechas do peito do meu padroeiro/Que São Sebastião do Rio de Janeiro/Ainda pode se salvar."

Em 30 de maio de 2005, Moacyr, de apelido Moa, começou a promover no Clube Renascença, que fica no Andaraí, um encontro com colegas para almoço – uma feijoada feita em fogão de lenha – e troca de ideias, seguido de apresentação ao público. De quebra, os músicos divulgavam seu trabalho para intérpretes que apareciam por lá, como Beth Carvalho e Zezé Motta.

Até aí, nada demais. Inusitados eram o dia e a hora. Essas rodas de samba ocorriam nas segundas-feiras, começando às duas da tarde e terminando às oito da noite, sem direito a bis (hoje, começam às quatro e meia da tarde e acabam às nove da noite).

Moacyr Luz deu a esse evento o nome de Samba do Trabalhador, numa referência aos músicos, que trabalhavam até os sábados e domingos, folgando nas segundas-feiras.

Ele nunca imaginou o sucesso que viria. O Samba do trabalhador logo passou a atrair mais de mil pessoas todas as semanas, chamando a atenção da imprensa e conquistando as páginas dos jornais. Atrás deles, vieram revistas e televisões, inclusive do exterior. O evento mereceu reportagens e documentários na BBC de Londres e em TVs do Japão e da Holanda.

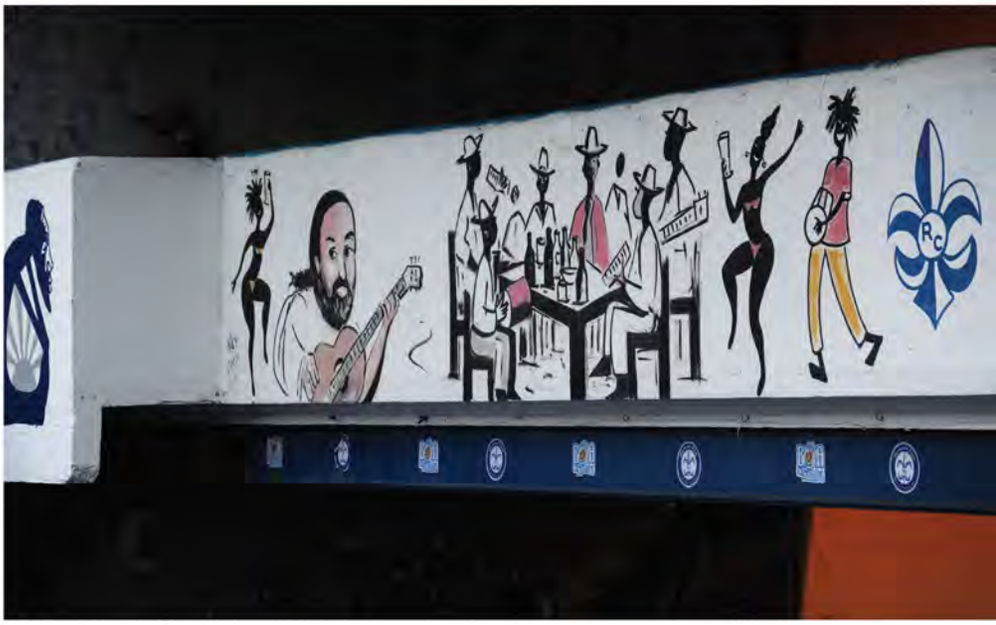
"A primeira roda recebeu perto de 50 convidados. A entrada era franca, não havia equipamento de som, nem garções, porteiros, bilheteiros, seguranças, nada. Na segunda semana, o público aumentou para 100 pessoas, que já causavam fila na única caixa do clube. Os banheiros já se assusta-

Moacyr Luz, o criador do Samba do Trabalhador

Beth Carvalho em aparição no Renascença Clube

"A primeira roda recebeu perto de 50 convidados. A entrada era franca, não havia equipamento de som, nem garções, porteiros, bilheteiros, seguranças, nada. Na segunda semana, o público aumentou para 100 pessoas"

Moacyr Luz



vam com o movimento. Com um mês, nosso público superava 500 pessoas. A cerveja acabava ainda de tarde e as filas pareciam as mesmas do Maracanã", recorda Moa.

Segundo ele, isso nunca aconteceria em São Paulo, por exemplo. O público ia ficar culpado de não estar trabalhando. Aliás, foi o então correspondente da *Folha de São Paulo* no Rio, Luiz Fernando Vianna, quem primeiro escreveu sobre essa loucura carioca, um samba às duas da tarde, em plena segunda-feira, conta.

O jornalista tinha ido ao clube para acompanhar uma gravação com Aldir Blanc e João Bosco. Destinava-se a um filme em homenagem a Betinho, o irmão do Henfil, citado na música *O bêbado e a equilibrista*, de autoria deles. Blanc havia convidado Moa a acompanhá-lo. E foi convencido por ele a realizá-la no Renascença. "Essa gravação trouxe um status de cultura ao nosso projeto", assinala Moa.

O sucesso logo exigiu a profissionalização do evento. Com tanta gente, boa parte do público ficava distante do palco e não conseguia sequer ouvir as músicas. "Meu mestre Wilson das Neves, numa canja sensacional, reclamou: Sem microfone, Moa, como você aguenta?"

Além dos equipamentos de som, foi preciso providenciar mais banheiros e segurança. Hoje há dez seguranças no evento. Era hora também de registrar o momento, que beirava um fenômeno, com um público de 1.500 pessoas. Em 29 de agosto de 2005, três meses depois de o evento ter sido criado, foram gravados ao vivo o CD e o DVD "Renascença Samba Clube". O lançamento ocorreu em 15 de novembro.

"Compareceram 3 mil pessoas. Havia gente até no teto. A Guarda Municipal precisou vir para ajudar. O evento ocupou uma página inteira da coluna Gente Boa, do *O Globo*" lembra Moa.

Muitas vezes, frequentadores apelavam para o jeitinho carioca, de modo a escapar do trabalho. Era comum funcionários doarem sangue para ganhar o ponto e seguirem diretamente para o clube.

Moa conta alguns episódios pitorescos. Certa vez, um rapaz que estava lá aproveitou um momento em que o som não estava ligado e ligou para o patrão para dizer que estava engarrafado no trânsito da Barra. Só que o patrão também estava no clube, um pouco atrás, e olhava para ele.

Em outra ocasião, uma mulher saiu para trabalhar, deixando primeiro o filho no colégio. Ela pediu ao marido que telefonasse para o seu trabalho às 14 horas, como se fosse funcionário do colégio, para avisar que o filho tinha sofrido um acidente e pedir

que a mãe fosse buscá-lo imediatamente. É claro que imediatamente ela seguiu para o clube.

O público também surpreendia. Certa vez, o médico Drauzio Varella levou ao Samba do Trabalhador 20 funcionários do Carandiru, o maior presídio de São Paulo, onde durante dez anos desenvolveu um trabalho voluntário de prevenção à Aids e ao uso de drogas junto aos detentos, experiência que narrou no livro *Estação Carandiru*, levado ao cinema por Hector Babenco.

Em outra ocasião, um grupo de gaúchos veio de Porto Alegre, de ônibus. Eles organizavam uma caravana para passar o fim de semana no Rio e só

Muitas vezes, frequentadores apelavam para o jeitinho carioca, de modo a fugir do trabalho e ir para o clube. Era comum funcionários doarem sangue para ganhar o ponto e poder ir ao clube

Podemos dizer que o Samba do Trabalhador, se não for a melhor, é certamente uma das melhores rodas de samba da cidade

Um reduto da negritude

Cansados de sofrer preconceito racial, um grupo de 29 negros de classe média alta resolveu criar seu próprio clube, já que eram maltratados quando conseguiam entrar em um clube tradicional da cidade. Nascia assim, em 17 de fevereiro de 1951, o Clube Renascença, carinhosamente chamado de Rena. À frente do grupo estavam Domingos Soares, empresário que lidava com ouro, e o médico Oscar de Paula Assis, conta José Evangelista de Oliveira, o atual presidente.

O grupo decidiu que o clube seria um reduto voltado para as diversas manifestações da negritude, com foco principal na cultura afro-brasileira. Seria também um espaço para que os filhos de famílias negras bem-sucedidas pudessem encontrar pessoas do mesmo nível social e cultural. No início, ficava na rua Pedro de Carvalho, uma transversal da Dias da Cruz, no Méier. No fim da década de 1950, foi transferido para seu atual endereço, na rua Barão de São Francisco, no Andaraí.

Além de shows e rodas de samba, o Renascença promove palestras e exposições de fotografias focadas em personalidades negras, e desenvolve intercâmbio cultural com Angola e Moçambique, sobretudo na área de literatura. Nos anos 1960, promovia desfiles de moda e de misses, uma vez que o clube era frequentado por belas mulheres negras. Três delas se destacaram nos concursos de misses: Aizita Nascimento, Dirce Machado e Vera Lúcia Couto dos Santos. Esta última foi Miss Guanabara em 1964, obtendo o segundo lugar no Miss Brasil e o terceiro no Miss Universo.

Vera Lúcia Couto dos Santos

voltavam na segunda à noite, depois do evento.

Vem gente também do exterior. Há três anos, parou na porta do clube um ônibus com 40 franceses. Eram músicos ou estudiosos da música brasileira, vindos de Grenoble. O contato com eles rendeu a Moa duas idas àquela cidade, para apresentações individuais. Não que viajar ao exterior fosse novidade. Em 2008, Moa já havia se apresentado em Haia, ao lado de Nilze Carvalho e Luiz Carlos da Villa, para Lula e a rainha Beatriz.

Para concluir, podemos dizer que o Samba do Trabalhador, se não for a melhor, é certamente uma das melhores rodas de samba da cidade, e a que oferece melhor custo/benefício. O ingresso custa R$ 10 e os músicos são de alta qualidade. Participam, além de Moacyr Luz, Gabriel Cavalcante, Alexandre Nunes, Álvaro Santos, Mingo Silva, Daniel Neves, Luiz Augusto, Junior de Oliveira e Nilson Visual. O repertório básico é de composições de Moacyr Luz, Cartola, Nelson Cavaquinho e Arlindo Cruz.

Aizita Nascimento

Aizita, que representou o Renascença em 1963, levantou o Maracanãzinho, onde um público de 25 mil pessoas contestou a quarta colocação, gritando "queremos a mulata". O Renascença ficou conhecido como "o clube das mulatas", o que desagradou a boa parte dos seus dirigentes e associados, levando-os a deixar o clube, já aberto a brancos provenientes da Zona Sul.

O grosso da receita do clube provém das rodas de samba e dos shows com artistas consagrados. E também de eventos gastronômicos, com destaque para a Feijoada do Arruda, no primeiro domingo de cada mês, e a Tripa Lombeira, no terceiro. Isso sem falar em festas e bailes. Um deles, que teve muito sucesso, foi "A Noite do Shaft", realizado durante três anos. Shaft era um detetive negro, personagem de um seriado norte-americano exibido na TV brasileira.

Quando foram introduzidos os bailes funk, o clube entrou em decadência e acabou sendo interditado, em decorrência de ação judicial movida pelo Ministério Público. É que esses bailes infernizavam a vida dos vizinhos com som alto por toda a madrugada. O clube ficou fechado por vários anos, até que um colegiado de sócios conseguiu reabri-lo, seguindo-se um novo período de prosperidade, devido, sobretudo, ao Samba do Trabalhador.

Uma obra chamada Ricardo

"Quis São Sebastião, nosso santo padroeiro, que o fidalgo Ricardo, também chamado Cravo Albin, cruzador de sete artes, pesquisador de maviosidades e desbravador de ritmos sincopados, convertesse sua infinita generosidade em mil tons de cidadania, responsabilizando-se pela guarda da sagrada música brasileira. Em um gesto rasgado de amor, despossuiu-se da joia colonial incrustada nas franjas do Morro da Urca. Dali em diante somente letras e canções morariam naquela cidadela. Desde então, Ricardo virou santo. E os pássaros nunca mais pararam de cantar no ICCA." (LC Faro)

ensaio fotográfico de

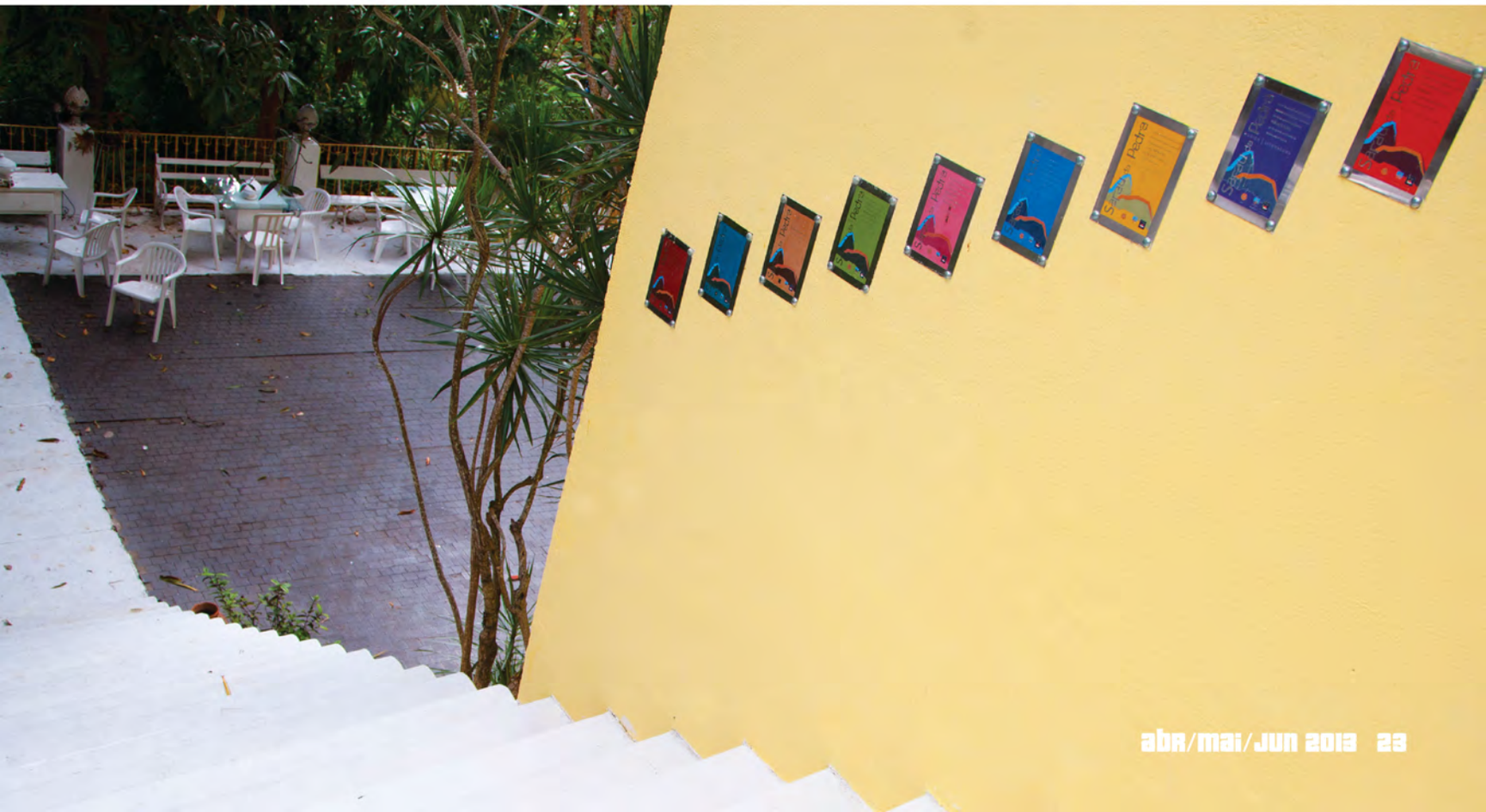
MARCELO CARNAVAL

MARLENE

VINICIUS
VINICIUS DE MORAES
SARAVAH
VINICIUS
em PORTUGAL
VINICIUS
MARILIA MEDALHA
TOQUINHO
COMO DIZIA O POETA
VINICIUS
maria bethânia
vinicius de moraes
toquinho
MARILIA
VINICIUS

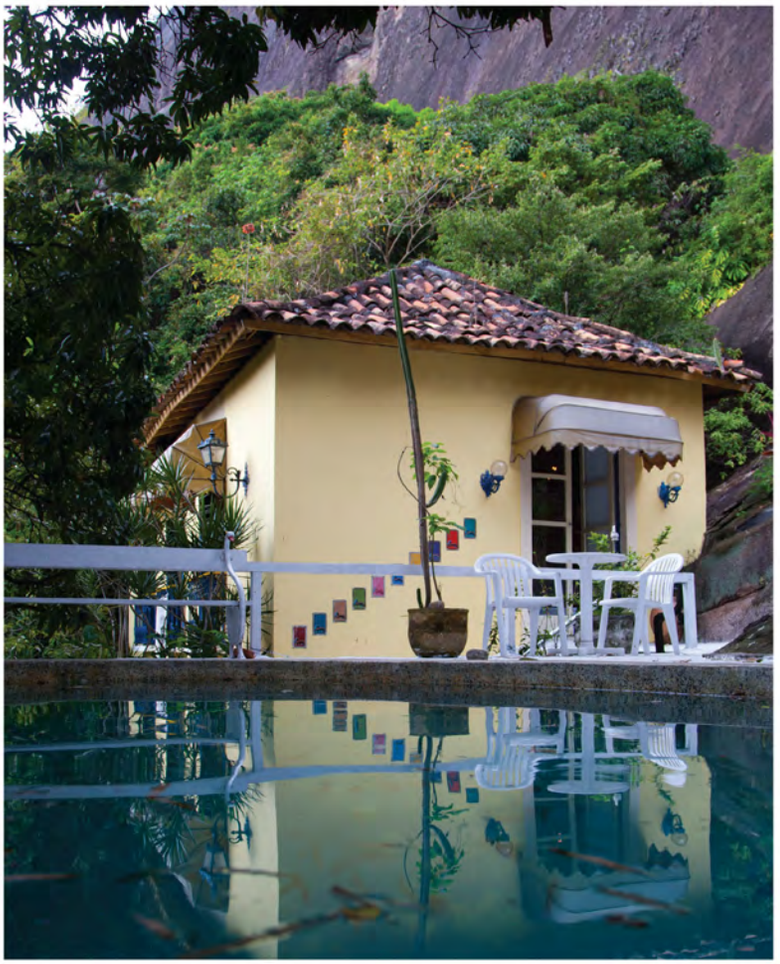
AVENIDA
SÃO SEBASTIÃO
2
"RCA - Convida"
Celebrando os 70 anos do seu fundador, o Instituto Cultural Cravo Albin homenageia as Rádios MEC-AM e FM, além da Rádio Nacional, pela transmissão ao vivo em sua sede do último programa "Ricardo Cravo Albin convida", no ar por 40 anos na Casa de Roquette Pinto.
NOEL É CEM
MPB NAS ESCOLAS
RÁDIO DICA da MPB
DEZ ANOS SEM BADEN
O Instituto Cultural Cravo Albin registra nesta data o evento "Dez anos sem BADEN POWELL", realizado com sua família para homenagear a memória do grande músico.
INOVANDO A MPB
CHORANDO COM JOEL
ROBERTO MARTINS
HENRI SALVADOR
Dalva - Herivelto
O Instituto Cultural Cravo Albin registra nesta data o encontro especial sobre a minissérie "Dalva e Herivelto - Uma Canção de Amor", escrita por Maria Adelaide com direção de núcleo de Dennis Carvalho, filmada pela TV Globo na Urca, onde nesta avenida Av. São Sebastião - Dalva e Herivelto moraram nos anos 40.
MPB Uma Paixão Nacional"
Silvio César - 50 anos de MPB
Pedro Caetano 100 anos
A ARTE DO CHORO NA URCA
Sérgio Ricardo - 80 anos

PAIXÃO
PELA LITERATURA



URCA

Relógio elétrico de 1934
TEMCO
Amplificador valvulado
Cronômetro inglês Smith Timers
POPULAR



NACIONAL

Sublime dama de ferro

por **mônica sinelli**

Era uma vez um teatrinho de bonecos que funcionava todos os fins de semana num palco construído na esquina da praia de Botafogo com a rua Marquês de Abrantes, no bairro do Flamengo, onde passava uma linha de bonde e morava nossa personagem. Criança, acompanhava com interesse os espetáculos. Nem de longe sonhava em personificar a temida dama de ferro que há mais de duas décadas provoca terremotos na sua coluna semanal em *O Globo*. Seu nome: Barbara Heliodora, cujas noventa primaveras a Carioquice aqui celebra. Profissão: árbitra soberana da crítica teatral.

É esta hoje a altiva senhora de 90 anos, sentada no sofá de sua casa neocolonial no bucólico Beco do Boticário, no Cosme Velho, que desfia histórias iniciadas num Rio encenado em câmera lenta. A prosa transcorre em meio à atmosfera contemplativa, privilegiada pela vegetação de Mata Atlântica e pelo rumor do rio Carioca. Ali, o tempo parece ter parado na época em que – recorda Heliodora Carneiro de Mendonça, a Bárbara Heliodora – havia um estábulo na rua Clarice Índio do Brasil, onde se comprava leite tirado na hora; peixeiros e verdureiros vendiam seus produtos de porta em porta aos chamados "fregueses de caderno", em que se anotavam as compras para pagamento no fim do mês.

Aos 12 anos, a menina ganha da mãe, Anna Amélia, uma edição em inglês das obras completas de William Shakespeare. Já arranhando o idioma, vai mais e mais se apaixonando pelo Bardo de Avon, à medida que o domínio da língua (estudou no norte-americano Connecticut College, de 1941 a 1943) lhe descortina uma percepção amplificada da escrita do dramaturgo. Que, aliás, pouco tem de inacessível ou difícil, segundo ela – que se tornaria uma autoridade no assunto –, dirigindo-se a um público eclético e mesmo popular.

"Paschoal Carlos Magno havia servido como diplomata na Inglaterra e voltado fascinado com o fato de que montar Shakespeare lá era corriqueiro, não existia essa aura de um mito distante. E abriu, na Casa do Estudante, fundada por minha mãe, o Teatro do Estudante do Brasil. Em 1948, decidiu encenar *Hamlet*, vivido por Sérgio Cardoso. Às vésperas da estreia, fui chamada de emergência para substituir a atriz, com crise

Ao lado de filhos e neto

Com Laura Sandroni e Edla Van Steen

de apendicite, que interpretava Gertrudes. Só no Brasil alguém que nunca pisara num palco poderia encarnar a rainha com quatro dias de preparação. Uma irresponsabilidade total. Mas lá fui eu, e fiquei por uma semana, sendo sucedida por ninguém menos que Cacilda Becker", conta Bárbara.

A partir de 1958, a atriz de carreira ultrarrelâmpago passou a frequentar o lendário Tablado. "Havia um aspecto que eu não conhecia – o processo de ensaios, para mim, a grande maravilha do milagre teatral, ao transformar-se uma página impressa num espetáculo vivo. Ia ao Tablado observar o trabalho de sua diretora, Maria Clara Machado. Um dia, acabei substituindo alguém como uma árvore em *Chapeuzinho Vermelho*".

A carreira de atriz não deslancha, mas um papel de destaque já está garantido para a vida toda – a de analista das artes cênicas brasileiras. Incentivada por pessoas que a viam sempre comentando entusiasticamente a estrutura das peças, começou a escrever suas primeiras críticas, ainda naquele ano, na *Tribuna da Imprensa*. Logo em seguida, foi para o Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, em que permaneceu até 1964, quando assumiu a direção do Serviço Nacional de Teatro. A época era de repressão política, e Bárbara chegou a dar um curso para os censores de espetáculos, que nada entendiam de teatro. E, também, lecionava no Conservatório, hoje UniRio."

Egos reativos

Após duas décadas sem escrever na imprensa, só retomou a atividade, em 1985, em *Visão*. Da revista, cinco anos depois, transferiu-se para *O Globo*, o palco onde pisa até hoje como protagonista da crítica teatral no país. O teor de seus textos – preciso e independente para alguns, corrosivo e cruel para tantos profissionais que veem a análise de seus desempenhos exposta nua e cruamente nas páginas do Segundo Caderno do jornal –, lhe rende reações estapafúrdias.

"Faço o melhor que posso. Sempre evitei enveredar pelo lado pessoal de um diretor ou ator, que pode ter ótimo desempenho numa determinada peça e mau em outra. Acho que cada atuação deve ser avaliada em si. Mas eles também têm direito às suas críticas. Quando eu estava chegando para ver *A dama do mar*, por exemplo, Ulisses Cruz, que a

dirigia, me perguntou: porque a senhora veio aqui, se não gosta do meu trabalho? Falei: Prefere que eu não entre? Prefiro, respondeu. Fui embora. Não ia discutir. Ao voltar para casa, já havia recado da produção, desesperada, pedindo que eu fosse assistir à peça. Gerald Thomas, por sua vez, publicou na imprensa que desejava a minha morte. Tempos depois, num teatro, beijou a minha mão, pedindo desculpas", graceja a crítica, cujo ator do coração era Ítalo Rossi. "Um talento fulgurante, com uma paixão extraordinária pela interpretação. Artistas como Walmor Chagas, Paulo Autran, Sérgio Britto, Cacilda Becker, Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg não se consagraram gratuitamente. Se esses nomes ficaram marcantes, houve uma razão para isso."

A frequência atual de Bárbara ao teatro varia de duas a três vezes, número que já alcançou cinco vezes por semana. Como critério de escolha, dá uma certa preferência a autores nacionais. "Se posso optar, evito ir a monólogo, o antiteatro. Mas está cada vez mais difícil, pois quase não existe outra opção. Isto quando a mesma pessoa não resolve escrever, dirigir e atuar. Teatro precisa de um desenvolvimento de ações."

Um empobrecimento e tanto para quem elege como o ponto alto da encenação brasileira a criação das prestigiadas companhias entre os anos 50 e 60. "A estreia do Teatro dos Sete, em 1959, no Municipal, com Mambembe, representou um dos momentos mais lindos que presenciei na vida. Os atores – Ítalo, Fernanda, Sérgio – eram fantásticos e os múltiplos cenários, deslumbrantes. A cada troca, o teatro vinha abaixo. Achei maravilhoso que tivessem inaugurado a companhia com essa burleta de Artur Azevedo. Foi uma noite excepcional. Não há mais montagens grandiosas. Isso é uma tristeza, não estão fazendo teatro, que anda por baixo, perdido, particularmente, no Rio. Tudo parece realizado na base da brincadeira, da improvisação. É raro um ator despontar e manter uma carreira contínua. Vem aparecendo uma nova geração de dramaturgos, mas de maneira ainda meio disforme. Precisamos esperar que melhorem e ganhem fôlego para estabelecer uma trajetória regular."

Elogios de Drummond

Sobre Shakespeare, a jornalista dedicou um sem-fim de artigos para jornais e revistas, cursos,

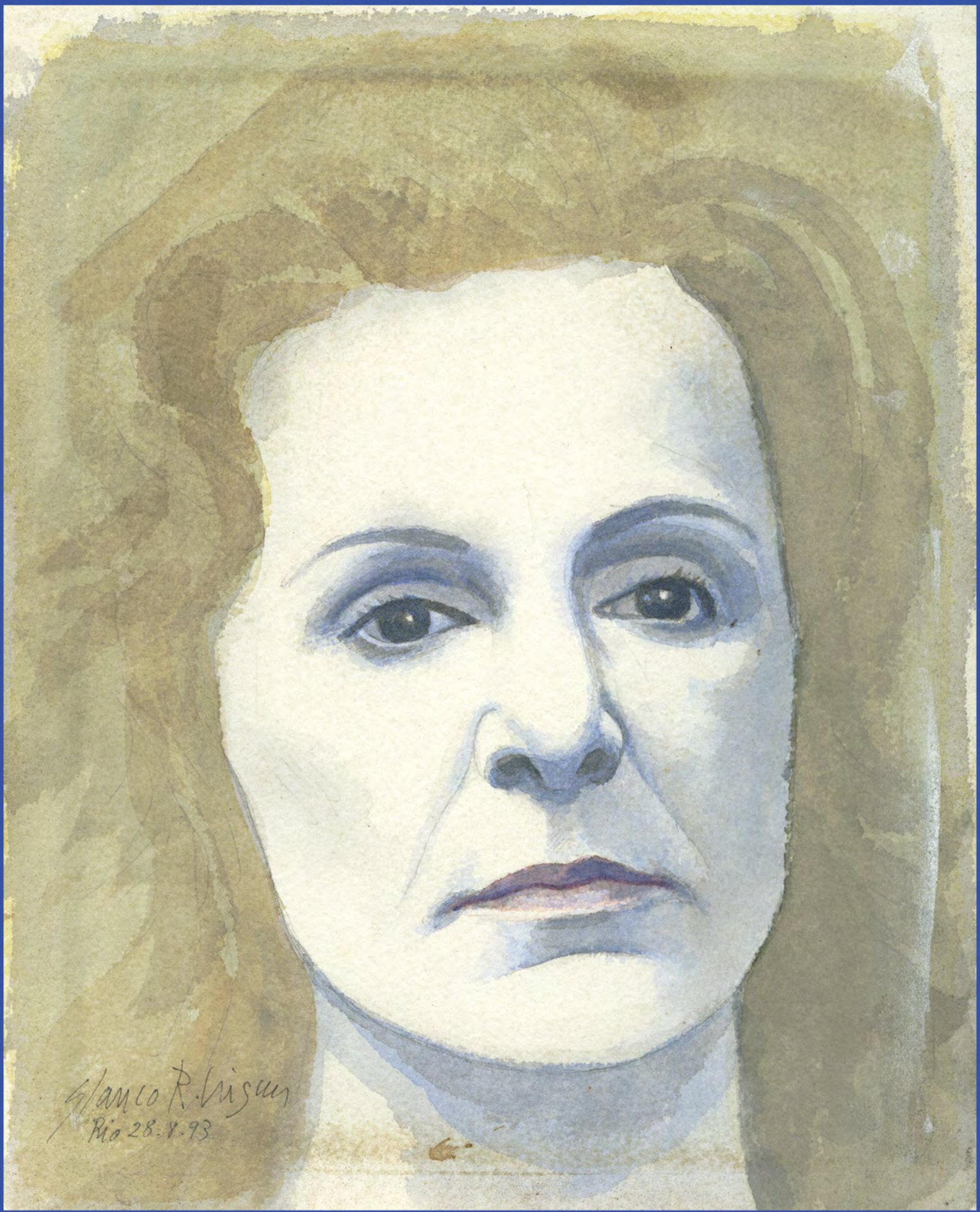
Com Emílio Santiago

Ao lado da filha Patrícia Bueno e do ex-ministro Reis Veloso, na Fiorentina, na celebração dos 90 anos

conferências, traduções da maioria de sua obra (incluindo *O mercador de Veneza*, *Macbeth*, *Otelo*, *A tempestade*, *Rei Lear*, *A megera domada*, *Julio Cesar* e *Sonho de uma noite de verão*) e até a direção de duas peças — *A comédia dos erros* e *Um homem chamado Shakespeare*, nesta também assinando o roteiro.

Além das obras do dramaturgo, Bárbara traduziu também livros, como *Pigmaleão* (Bernard Shaw), *O que é teatro?* (Martin Esslin), *O mistério do trem azul* (Agatha Christie) e *A leoa e seus filhotes* — biografia de George Sand e Chopin. De sua autoria, publicou, entre outros, Teatro e dança, O *teatro barroco*, *Martins Penna — uma introdução* e *A expressão dramática do homem*

"Não conheço emoção maior que ver um filho crescer. Esse é o grande espetáculo da vida"



O consagrado pintor Glauco Rodrigues, também reconhecido cenógrafo, retratou Bárbara Heliodora, em 1993

"Não há mais montagens grandiosas. Não estão fazendo teatro, que anda por baixo no Rio"

Com Tônia Carrero na livraria Argumento

político em Shakespeare. Por ocasião do lançamento deste, em 1978, recebeu do poeta Carlos Drummond de Andrade palavras carinhosas: Cara Barbara Heliodora, sempre aprendi muitas coisas com você, e agora vejo redobrado o meu proveito, lendo o seu livro sobre o sentido político que se desprende da dramaturgia de Shakespeare. É estudo que honra a inteligência brasileira aplicada a tema que demanda não somente cultura geral e especializada, como ainda acuidade crítica. Graças a você, ficamos tendo uma obra que podemos parelhar com o melhor da bibliografia Shakespeariana. Gratíssimo pelo oferecimento amigo, abraço-a com antiga e afetuosa admiração.

Bárbara Heliodora lançará, em novembro, "Os caminhos do teatro", um panorama da história das artes cênicas desde a Grécia antiga ao século 20. "O teatro tem sido um grande retrato da evolução da sociedade ocidental, documentando muito bem tudo o que vem acontecendo. O livro mostra como ele também vai mudando à medida que o comportamento se transforma. Talvez agora esteja em desordem porque vivemos uma época caótica. E o teatro cumpre o seu dever de refletir isso."

No próximo ano, a autora fará o que chama de "codireção de consultoria", ao lado de Bruce Gomlevsky, para uma montagem de *Timão de Atenas*, de William Shakespeare, naturalmente. "Não tenho mais condição de ficar subindo para cá e para lá num teatro. Até para passear minha capacidade é limitada. Mas nunca fui de badalações. Gosto de ler, ouvir músicas e assistir a DVDs. E de receber amigos, inclusive um grupo, de variadas profissões, que vem em casa, semanalmente, para discutir... Shakespeare. Acho interessante observar reações a partir de fontes tão diferentes em relação aos textos. Aliás, eu nunca reli nenhuma peça dele sem me defrontar com um aspecto que não houvesse percebido antes. Sempre existe ainda margem a mais uma revelação".

Após uma vida inteira dedicada às luzes e aos bastidores da ribalta, Bárbara ensina: "Não conheço emoção maior que ver um filho crescer, desabrochar, com suas novas descobertas a cada dia", garante a mãe de Patrícia, Priscilla e Marcia; avó de Guilherme, Júlia, Laura e Sophia; e bisavó de Pedro, Isabela e Felipe. "Esse é o grande espetáculo da vida." Palavra de especialista.

Anúncio Oi

Gran teatro cesgranrio

POR JOÃO PENIDO

Aos 71 anos, marcados por uma vasta cabeleira branca, Carlos Alberto Serpa de Oliveira ainda tem fôlego de menino. Colecionador, antiquário, educador e promotor cultural, o presidente da Fundação Cesgranrio, entidade criada por ele há 40 anos, parte agora para novos projetos. Acaba de lançar o Prêmio Cesgranrio de Teatro, o maior do Brasil em valor; está construindo um teatro no campus da fundação, no Rio Comprido; vai abrir uma Faculdade com cursos tecnológicos de Avaliação, de Recursos Humanos e de Teatro com ênfase em musicais, algo inédito no país; e vai criar uma companhia de teatro.

Tanto o teatro quanto a faculdade serão inaugurados no ano que vem. Atualmente, Serpa produz o musical *Para sempre Abba*, em cartaz no teatro Clara Nunes. Anteriormente, ele já havia produzido peças para apresentação na sua Casa de Arte e Cultura Julieta de Serpa, onde agora está sendo reprisado, com nova roupagem, o musical *Hollywood, a magia do cinema*, produzido por ele.

O "professor Serpa", como é conhecido, nasceu na Casa de Saúde São José, no Rio, cidade que ele diz ser "parte integrante de minha estória de vida" e que considera ser ainda a capital cultural do Brasil. Seus pais moravam na Praia de Botafogo e tinham um pequeno apartamento na rua Constante Ramos, em Copacabana, onde ele ia passar as férias de verão.

A ligação com a cultura vem do berço. Sua mãe, Julieta de Serpa, era colecionadora de arte e protetora de artistas. Aos 16 anos, ele começou a formar sua própria coleção de obras de arte. Aos 21, mudou-se de vez para Copa, onde mora há 50 anos, atualmente na avenida Atlântica.

Serpa estudou primeiro no Externato Coração Eucarístico, na rua Paissandu, e depois no Colégio Santo Inácio, de onde desenvolveu uma forte ligação com a Igreja Católica, participando do Centro Dom Vital, que reunia a intelectualidade leiga e era presidido por Alceu Amoroso Lima.

"Sou católico praticante, graças a Deus, e jesuíta", diz ele, que preside também a Associação Cultural da Arquidiocese do Rio, entidade que, por meio da cultura, desenvolve um trabalho de

evangelização. Lá ele criou uma orquestra que tocou na missa celebrada pelo papa Francisco na Catedral do Rio durante seu encontro com cardeais e bispos brasileiros.

Serpa entrou na PUC em 1960, formando-se em engenharia industrial e metalúrgica em 1964. No ano seguinte, já era professor. Lecionou até 1975. Foi também diretor de Departamento, vice-reitor e reitor. Hoje, é membro do Conselho Diretor das Faculdades Católicas, associação mantenedora da PUC/RJ.

"Minha primeira paixão pelo Rio foi em cima de obras de engenharia. Comecei a trabalhar na

A Casa de Arte e Cultura Julieta de Serpa é um dos ambientes mais refinados da cidade e também um templo da gastronomia francesa

A peça *Hollywood, a magia do cinema*

construção de indústrias que resultaram no Polo Industrial do Rio. Conheci os subúrbios, algo que não conhecia, e fui vendo que o Rio não era só praias e montanhas", conta.

Foi nessa época que o engenheiro começou a se apaixonar pelas ciências humanas. "Vi como era necessário para as pessoas com quem trabalhava ter educação e possibilidade de acesso aos bens culturais e que se beneficiassem deles para se desenvolverem como pessoas humanas".

A partir daí, Serpa desenvolveu um forte senso de responsabilidade social. Na PUC, começou a trabalhar com os pobres que viviam nos morros que circundavam o campus. "Sou um privilegiado, mas isso implica ter responsabilidade com quem não teve as oportunidades que eu tive."

No início dos anos 1970, Serpa criou a Cesgranrio, a união das universidades do Rio que tinha o objetivo de unificar o vestibular e democratizar o acesso à universidade, que na época era extremamente elitista. Em seguida, a Cesgranrio passou a fazer concursos públicos, também com a tônica de democratização do acesso. Já avaliou mais de 70 milhões de candidatos. Em 1980 começou a fazer pesquisas e a levantar os dados socioeconômico-culturais dos alunos.

"Verificamos como a cultura passava a ser indispensável para repor a qualidade do ensino público no Brasil. Passamos a fazer projetos

voltados prioritariamente para escolas públicas e comunidades de baixa renda" ressalta.

Para isto, ele criou no início da década de 80 o Instituto Cultural Cesgranrio. Este logo teria de dar um passo à frente, quando a fundação passou a fazer avaliação de grande número de alunos em exames como o Enem, o Enade e a Prova Brasil. No Enem (Exame Nacional de Ensino Médio), do ano passado, houve 5,7 milhões de inscritos, dos quais 3 milhões foram avaliados pela Cesgranrio. Já no Enade (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes), a Cesgranrio avaliou 587 mil alunos que concluíam 16 cursos de nível superior.

O Instituto foi transformado então em Centro Cultural, que passou a produzir um vasto material em áreas como literatura, música, pintura,

O maior prêmio de teatro do país

O Prêmio Cesgranrio de Teatro dará R$ 25 mil a cada um dos vencedores em 16 categorias, três vezes mais que os R$ 8 mil do Prêmio Shell. No total, serão distribuídos R$ 400 mil. A primeira premiação acontecerá em janeiro próximo, no Copacabana Palace Hotel.

O prêmio traz como novidade a criação de categorias específicas para os musicais, que hoje são o gênero que mais leva público aos teatros.

"O musical é hoje uma das formas de teatro mais procuradas e apreciadas pelo público, especialmente o carioca. É de admirar que esta modalidade ainda não tivesse sido agraciada e estimulada pelo meio. O musical é ascendente entre nós. Faltava o reconhecimento da importância do seu papel", afirma seu criador, Carlos Alberto Serpa de Oliveira.

De acordo com ele, a intenção do prêmio não é ser melhor do que nenhum outro. É apenas reconhecer de forma definitiva o trabalho dos premiados. "O que importa é que o prêmio faça diferença para quem é premiado. Um ator que hoje pode estar ganhando seis, sete ou oito mil reais por mês, e se esfalfando de tanto trabalhar, de repente vê o seu trabalho reconhecido e ganha 25 mil reais. Isso faz uma diferença para a pessoa."

teatro e cinema. Todo o material foi colocado em vídeos na internet e exibido na TV Universidade, da qual a Cesgranrio é uma associada. Peças produzidas no Centro, de natureza literária ou histórica, são levadas às escolas públicas do Rio. O Centro desenvolve também um projeto de formação de plateias. Compra entradas para peças teatrais e leva os alunos para as assistirem em teatros de grande porte.

Em agosto passado, o Centro formou a primeira turma de 20 atores que durante três meses se prepararam numa oficina para atuar

"Conheci os subúrbios, algo que não conhecia, e fui vendo que o Rio não era só praias e montanhas"

Carlos Alberto Serpa de Oliveira

"Com o falecimento de minha mãe, herdei muitas obras de arte. Como não tinha mais onde colocar tantas obras, resolvi fazer um leilão"

em televisão. Dessa experiência foi que nasceu a ideia já em andamento de criar uma companhia de teatro.

Outra importante realização de Serpa é a Casa de Arte e Cultura Julieta de Serpa, instalada num belo palacete localizado na Praia do Flamengo 340. Foi construído em 1920 por Demócrito Seabra, que quis presentear sua esposa Maria José com a mais bela casa do Rio. Ele contratou um arquiteto francês para desenvolver o projeto e mandou vir da Europa todas as peças de acabamento, como parquetes, vitrôs e portais, bem como as de decoração, como tapetes, quadros e prataria. O palacete é um neoclássico francês, em que predomina o estilo Luiz XVI.

Com a morte de Maria José, em 1989, só seu filho mais velho, Carlos Alberto, ficou morando lá. Quando ele morreu, o palacete foi vendido a uma firma que queria demolir o prédio para construir um espigão no local. Serpa conta como veio a se tornar proprietário do local.

"Com o falecimento de minha mãe, herdei muitas obras de arte. Como não tinha mais onde colocar tantas obras, resolvi fazer um leilão, que foi realizado lá. Fui seduzido então pelo proprietário a comprá-lo. Ele estava com um mico na mão, pois o casarão havia sido tombado pela Prefeitura."

A compra logo ocorreria. Serpa pagou um preço equivalente, na época, ao de um apartamento de duas salas e três quartos na Praia do Flamengo. "Para um casarão com mais de 3 mil metros quadrados, foi praticamente uma doação", assinala. Porém, o palacete não estava em bom estado e foi preciso restaurá-lo.

"Fizemos uma parceria com o projeto Casa Cor, que me ajudou muito a reabilitar o casarão", ressalta Serpa. Ele transformou o palacete em centro cultural e deu-lhe o nome de sua mãe.

A Casa de Arte e Cultura Julieta de Serpa é um dos ambientes mais refinados da cidade e também um templo da gastronomia francesa. O espaço Paris Bar foi considerado pela revista *Veja* o melhor restaurante do Rio. "Agora estamos com um chef novo, jovem, que está revolucionando a culinária francesa. É o Thiago Flores, um rapaz que já trabalhou com Alain Ducasse e Alex Atala. Muita gente vai ouvir falar dele em breve", garante Serpa.

No espaço Paris Show, que abriga até 130 pessoas, são apresentados shows nacionais e internacionais. No espaço Chá Cultural, para até 70 pessoas, as pessoas vão tomar chá e depois assistem a um musical. No palacete também são realizados grandes eventos sociais e empresariais.

"Ainda nem terminamos tudo o que queremos fazer lá", conclui Serpa.

Pois é. Haja fôlego!

Sob o céu de aydano

POR ELSON LIPER

O jornalista Aydano André Motta – hoje um pensador do samba – fez um pacto de vida com a folia. Desde então, temas como carnaval, samba, batuque, enredo e mulatas ocupam seus pensamentos. Mas Aydano encontrou mesmo a verdadeira iluminação no mundo sempre mágico do samba. O nosso herói começou nos anos 1990, junto com a paixão pela Beija-Flor de Nilópolis, que tirou da Mangueira um possível amante e torcedor. Desde lá subiu aos céus e desceu respingando ziriguidum toda vez que ouviu o repicar do tamborim, o ronco da cuíca, a batida do surdo.

"Aquele desfile do Cristo coberto com sacos pretos foi arrebatador. Até então eu tinha uma admiração pela Mangueira e tudo o que ela representa", diz o editor de *O Globo a Mais*. O desfile que abriu alas à paixão pelo carnaval e pela Beija-Flor foi também um divisor de águas para a escola de Nilópolis. O enredo *Ratos e Urubus, larguem a minha fantasia* marcou, também para sempre, a trajetória do carnavalesco Joãosinho Trinta.

Na época (1989), Aydano fazia suas primeiras incursões na cobertura do carnaval, pelo Jornal do Brasil. Ao contrário da maioria dos colegas de profissão que via naqueles dias de desfile intermináveis horas de desgaste e trabalho, ele começava a enxergar nos desfiles e personagens do samba um infinito campo de pesquisa ainda pouco explorado. "Fiquei fascinado com tudo aquilo. Percebi que poderia ser meu diferencial como repórter. Aos poucos, fui estudando, pesquisando, me aproximando das pessoas e dos barracões, o que também, de certa maneira, trazia para mim uma certa especialização."

São justamente esses anos de estudos e pesquisas que garantiram a Aydano a autoria da segunda coleção de livros sobre personagens carnavalescos, da série *Cadernos de Samba*, que será lançada em novembro, ainda sem data definida, na Livraria Travessa do Leblon. A coleção, sempre composta de três livros, vai destacar desta vez a história do Salgueiro (*Explode coração*), da Mocidade Independente de Padre Miguel (*Estrela que me faz brilhar*) e a vida e trajetória de 11 das mais queridas porta-bandeiras das escolas de samba do Rio de Janeiro.

Fotos: Acervo Pessoal

Aydano e as personagens do filme "Mulatas, um tufão nos quadris"

"Assistir a um ensaio de escola de samba não é para amador"

Selminha Sorrisoz e Claudinho ladeiam Aydano

O livro *Onze mulheres maravilhosas do Carnaval carioca* terá entre as homenageadas a porta-bandeira Selminha Sorrisoz, da BeijaFlor, que, em 2007, entregou a Aydano André Motta a bandeira do desfile oficial da Beija-Flor, como presente. O pavilhão, agora emoldurado, é destaque na sala do apartamento do jornalista, na Lagoa. "Todo mundo que vem à minha casa se emociona quando mostro essa bandeira e falo do presente que ganhei da Selminha."

A nova coleção fará avançar a série que já teve a Beija-Flor como tema central de um livro lançado em 2010, no Centro Cultural Banco do Brasil, em parceria com a editora Verso Brasil. Naquela coleção também foram homenageadas a Portela e as pequenas escolas de samba que ainda lutam pela própria sobrevivência, no livro *Marcadas para viver*. Em 2011, Aydano também focou o carnaval de rua no livro *Blocos de rua no carnaval do Rio de Janeiro*.

Apesar de morar na Lagoa, Aydano também se identifica com a noite e as esquinas do Leblon e com a Cobal de Botafogo, onde costuma reunir amigos para um chope e, de preferência, falar sobre samba e carnaval. E já se antecipando às provocações saudosistas daqueles que questionam a qualidade dos sambas de enredo atuais em comparação com os do passado, Aydano é implacável: "Eu pesquisei e consegui ouvir vários sambas de enredo dos anos 1960, 1950. Havia sambas muito ruins. Mas o grande samba sempre será lembrado, independentemente da época em que for lançado." Para aqueles que pensam em convidar Aydano para uma roda de samba, no entanto, fica o alerta: "Odeio pagode. Não falo do Zeca Pagodinho e da galera do partido alto."

Ele também não teve muita dificuldade para escolher o clube que alimentaria a paixão natural

Juliana Alves com o casal Aydano e Flávia Oliveira

Neguinho da Beija-Flor, Aydano e Joãosinho Trinta

pelo futebol. "Eu me vi Flamengo pela primeira vez aos sete anos, por influência do meu pai (Aidano Motta), já falecido. Hoje, porém, sou um flamenguista amargurado," lamenta Aydano (com y, por escolha da mãe); não pelo time atual, mas pelo futebol em si. Os jogadores tinham maior identificação com o clube, ficavam anos defendendo suas cores. Hoje, isso não acontece", justifica.

Aydano não vê a mesma tendência de profissionalização crescente do futebol refletida no mundo do samba. Na busca por essa conscientização é que o jornalista fez da portaria de O Globo uma espécie de "consulado avançado" do samba. É de lá que parte, uma vez por mês, nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, a van contratada por ele para acompanhar grupos de amigos às peregrinações pelas quadras das escolas de samba. Aydano lamenta a ausência de um calendário extracarnaval, com visitas guiadas e, é claro, renda revertida às escolas.

"Não é programa para amador não. Você sai do Centro do Rio para Nilópolis pela avenida Brasil, um trajeto muito perigoso, para assistir ao ensaio da escola, que não gosta de visitantes, pois vê o ensaio como coisa séria. E tem que ser mesmo. E depois tem a volta", diz o jornalista, assinalando que há espaço e matéria-prima para um calendário permanente de samba no Rio.

"A Cidade do Samba não é apenas barracão. Tem a área dos shows, mas também ruas internas com as mesmas dimensões da Marquês de Sapucaí. Por que não se realizarem desfiles ali, como grandes espetáculos para os turistas, o ano todo?", questiona. Para Aydano, é preciso olhar para o samba e seu universo como um produto de alto potencial de mercado. "O mais difícil nós temos, que são os artistas e o que fazer. O mais fácil, no entanto, é o fazer, e isso não soubemos explorar ainda."

Décadas de história não deram ao mundo do samba, no entanto, experiência e capacidade gestora para superar os principais gargalos que mantêm o carnaval e seus bastidores como um mundo limitado e fechado nele mesmo. "Já imaginou a valorização, por exemplo, das residências e ruas onde moram e moraram fundadores e personagens das escolas, uma espécie de caminho Niemeyer nessas comunidades? Até as casas de dona Zica, Cartola, Paulo da Portela, enfim, com mesas e bustos desses personagens para se interagir?"

Aydano recorda um episódio que ilustra bem o

Flávia Oliveira e Aydano na companhia de passistas

Eduardo Paes e sua mulher, Cristina Assed, no lançamento do livro de Aydano

fascínio que atrações desse tipo podem provocar. "É comum entre os sambistas homenagear-se uma pessoa querida formando uma roda em torno dela, na qual se canta e dança. Uma vez levei uns amigos norte-americanos a um ensaio da Beija-Flor e pedi que fizessem algo parecido com eles. Ficaram encantados, e vão guardar esse momento para o resto de suas vidas. Ora, já imaginou visitas com esse tipo de recepção? Quanto um turista não estaria disposto a pagar por isso?"

Coautor do documentário *Mulatas, um tufão nos quadris*, Aydano aponta outro tipo de preconceito que ainda paira sobre integrantes das escolas de samba. "Ainda tem gente que acredita que toda passista mulata é prostituta. Isso é ridículo. Foi com respeito a essas pessoas que fizemos o documentário." O jornalista exige, nos contratos para a exibição, que parte dos lucros obtidos com o filme seja destinado às participantes. O projeto nasceu do espaço Mulatas do Gois, na coluna do Ancelmo.

Parece mesmo que, no Brasil, os desafios migram sempre e se alimentam da mesma fonte: educação. "Assim como em muitos setores econômicos, o mundo do samba também não tem gente capacitada para mudar um modelo amador e familiar para uma gestão profissional. Mas os desafios não param por aí. As escolas já começam a ter que disputar gente com a fé, o que hoje é uma ameaça real às futuras gerações do samba", alerta Aydano, atento à postura das igrejas evangélicas que se impõem nas comunidades que sempre abasteceram as escolas de samba de passistas, mestre-salas e porta-bandeiras.

> "Quanto um turista não pagaria por ser homenageado por sambistas?"

"Hoje já tem escolas perdendo integrantes para essas religiões, o que para mim é algo muito preocupante", diz Aydano, sem deixar de citar, porém, o outro lado dessa nova frente de batalha do samba. "Na Mangueira tem um menino de uns quatro anos de idade que, todas as manhãs, antes mesmo do café, pede para ser levado, com seus passinhos cambaleantes, à quadra da escola. E se ele não for ver a quadra logo pela manhã, chora. Cara, isso está no sangue!"

A cachaça que é uma verdadeira obra de arte.

O Sr. Guilherme Müller Filho, carinhosamente conhecido como Seu Ézio, fez da arte de destilar seu maior prazer e transformou a marca 51 na mais reconhecida cachaça do mundo. Dono de um paladar apurado, desenvolveu uma cachaça 100% envelhecida em barris de carvalho, perfeita em sabor, equilíbrio e cor, para fazer parte de seu acervo pessoal. Assim nasceu a Reserva 51, uma verdadeira obra de arte que se manteve em segredo por muitos anos e que agora, depois do falecimento de seu criador, chega ao mercado em tiragem limitada. Prepare-se para degustar com todos os sentidos cada detalhe desta obra-prima.

BEBA COM MODERAÇÃO

www.reserva51.com.br

Pipoca moderna

por Kelly Nascimento

Uns preferem doce, outros, salgada. Dizem que foi uma dessas descobertas casuais, que reforçam a fé da humanidade no acaso. Pois dizem que a pipoca, assim como o Brasil, foi descoberta por acaso. Não pelos portugueses, mas por índios americanos, que deixaram cair grãos de milho num braseiro e se surpreenderam com o estouro.

Na Praia Vermelha encontramos outro herói da resistência: Cosme Rhem. Há anos Cosme trabalha como pipoqueiro pela Zona Sul. E foi na orla, de frente pro mar, que ele encontrou sua clientela

Conforme cantou Caetano "Pipoca ali, aqui, pipoca além / Desanoitece a manhã / Tudo mudou". Não se sabe ao certo quando o cereal aterrissou em solo carioca, mas a paixão do Rio por pipoca não tem fim. Apesar do rareamento dos tradicionais carrinhos de pipoca, alguns resistem. Nas praças, portas de escola e até em cinemas.

A nostalgia é ativada no cérebro pelo cheiro, o principal marqueteiro da iguaria, comercializada pelos tradicionais pipoqueiros, figuras quase em extinção.

sal ou doce?

Valdecir Esteves dos Santos é um dos que mantêm acesa a tradição. Estrategicamente localizado em frente ao cinema Artplex em Botafogo, ele faz a alegria de quem passa pela calçada. "A pipoquinha para acompanhar o filme não pode faltar", diz o marqueteiro. Por ali, a preferência é pela pipoca salgada.

Na Praia Vermelha encontramos outro herói da resistência: Cosme Rhem. Há anos Cosme trabalha como pipoqueiro pela Zona Sul. E foi na orla, de frente pro mar, que ele encontrou sua

clientela. Pois quem foi que disse que pipoca não combina com praia? Para quem prefere fazer em casa, ele dá a dica. “O segredo é para cada meia xícara de milho, usar uma colher e meia de sopa de óleo. No caso das doces, a quantidade de açúcar deve equivaler à de milho com um quarto da mesma medida de água. Como não conferem sabor ao preparo, corantes são dispensáveis”, revela.

Vindo para o Centro da cidade, as figuras ficam menos rarefeitas. Na Praça XV, o aroma é irresistível. E vem da carrocinha do Juarez

COCO GELADO
RIO
RIO

DROGARIAS
PACHECO

Santos. Ele diz que as vendas caíram, por isso o preço para o consumidor ficou mais salgado. Para fisgar o cliente, ele aposta na simpatia e na qualidade. "Minha manteiga faz toda a diferença. É manteiga de verdade, não deixa a pipoca seca. Porque cliente não gosta de pipoca seca", ensina.

Para driblar a queda nas vendas, há quem aposte na diversificação de produtos. É o caso do Jair dos Santos, que faz ponto na avenida Rio Branco, esquina com a avenida Nilo Peçanha. Em sua carrocinha, vende pipoca e churros. O segundo ocupa o primeiro lugar na preferência do cliente. "A saída da pipoca depende do clima. Quando está frio, o povo come mais. Se faz calor, pede menos", avalia nosso garoto do tempo.

Ainda no Centro, temos um *case* de inovação nesse mercado. É o Nelsinho da Pipoca. Não à toa carrega a iguaria no sobrenome emprestado. Ele trabalha como pipoqueiro há quase 20 anos. E criou um serviço novo: o "Disk Pipoca".

"Eu fico na Cinelândia, mas quem trabalha nas redondezas e não tem tempo de ir até o carrinho para comprar a pipoca, eu criei algo diferente. Faço com que a pipoca chegue até o cliente, sem custos adicionais", gaba-se o empreendedor. Vai uma pipoquinha aí?

Mesinha carioca

Amaury Temporal
Diretor do Centro Internacional
de Negócios da Firjan, enólogo e gourmet

Há poucos dias o jornal trouxe uma notícia muito interessante para nós, cariocas. É sobre mesas nas calçadas. Isso é pura carioquice. Você imagina Paris sem mesas nas calçadas? As pessoas não se dão conta da importância das mesas nas calçadas, que é uma característica do Rio que deve ser defendida às armas. Temos que fazer um movimento a favor das mesas nas calçadas, como as do mítico Deux Magots, em Paris.

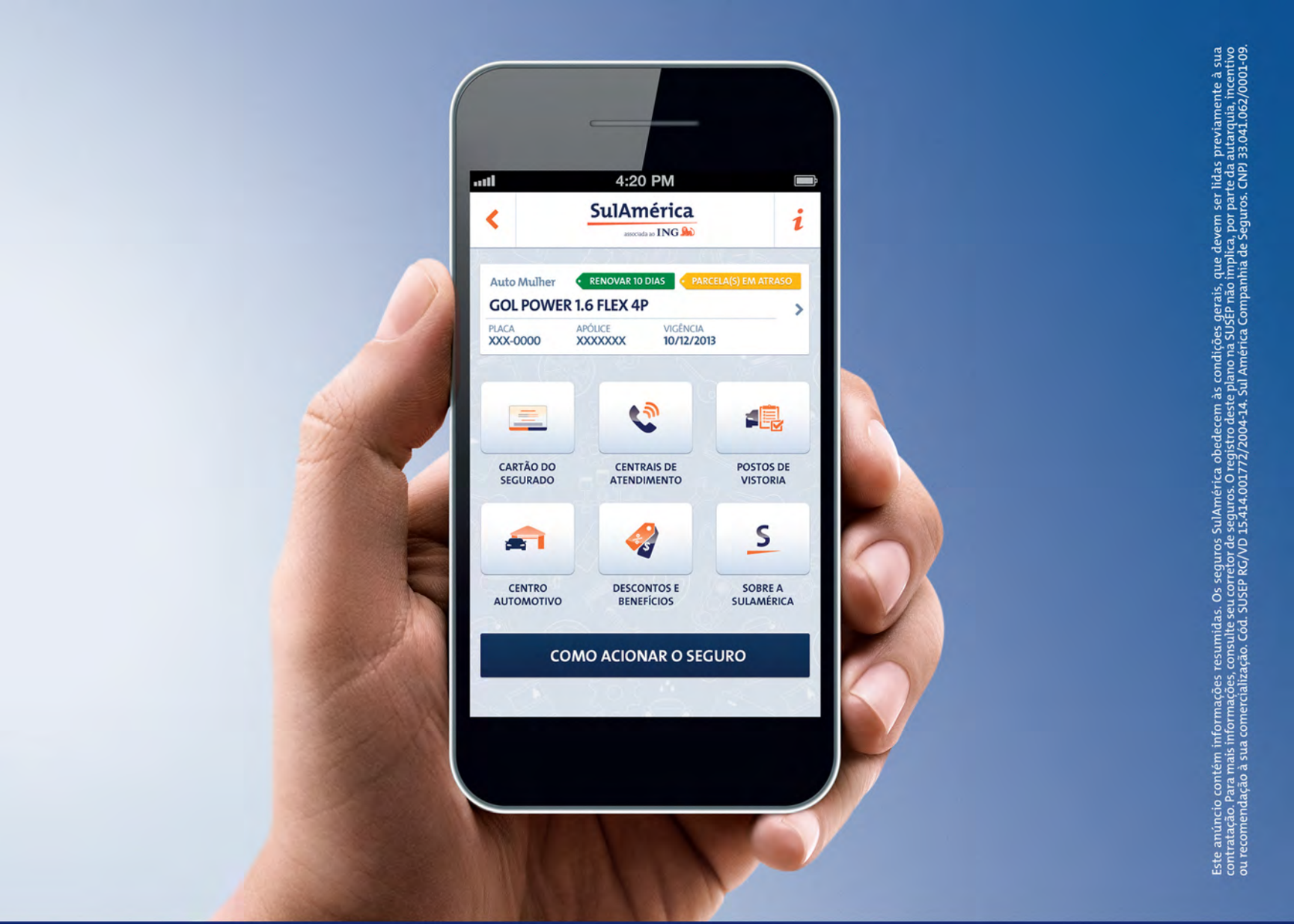
Quando digo isso, é bom que se faça a diferença do botequim, com um balcão e onde, normalmente, quem atende é o dono e mais alguém da família. Isso vem da cultura portuguesa e é outra coisa. O bar é diferente, tem mesinhas e é um lugar fundamental, pois é lá que se fica conhecendo as pessoas, onde se arranja amizades. Eu que, por motivos diversos, viajo pela França profunda, vejo isso em todas as cidades. Sou um aficionado do bar com mesinhas como símbolo e característica da carioquice.

O meu bar preferido, há anos, é o Talho Capixaba. Venho todos os dias e aos sábados e domingos, tenho um grupo de nove pessoas que se reúne para o café da manhã. Venho sempre andando da minha casa, no Arpoador. Saio às 7h e chego religiosamente às 8h e o Edilson é sempre quem me serve, trazendo um suco de laranja e uma empadinha de camarão. Ele é uma figura verdadeiramente carioca, além de resolver qualquer contratempo.

O outro bar que deixou saudades era o do João, na esquina da rua Francisco Otaviano, pertinho da minha casa. Era o maior símbolo de carioquice. Ia lá todos os dias tomar um cafezinho com o João. Ele era aquele que solucionava várias coisas para mim, como quando o carro enguiçava e ele dizia "deixe as chaves aí!". E ele resolvia, trocando a bateria ou o que fosse.

Neste cantinho mágico do Arpoador tinha dois outros personagens maravilhosos, o Urubu, chamado assim porque tinha um caminhão de reboque todo decorado com coisas do Flamengo e o Borracha, que, como diz o nome, era o borracheiro do bairro. Ninguém nunca soube o nome dele, só chamávamos de Borracha. Era um negro fidalgo, alto, com porte de rei zulu e que adorava os charutos. De vez em quando, dava uns puros cubanos para ele, mas ele implicava, gostava mesmo dos nacionais. Essas figuras maravilhosas se foram: João vendeu o bar, e os outros dois, morreram. Isso é que dá ser longevo.

Apesar de ter nascido no Recife, vim para o Rio com dois anos e não tenho nenhuma ligação com Pernambuco. Antes de casar morei no Flamengo, e depois, aqui no Arpoador, de onde não saio. A Zona Sul é uma região encantada, pois, a partir do Flamengo, ou você está à beira da baía, da lagoa ou do mar. E isso dulcifica uma cidade. Faz a cidade ficar mais amena. É um privilégio morar por aqui.



Este anúncio contém informações resumidas. Os seguros SulAmérica obedecem às condições gerais, que devem ser lidas previamente à sua contratação. Para mais informações, consulte seu corretor de seguros. O registro deste plano na SUSEP não implica, por parte da autarquia, incentivo ou recomendação à sua comercialização. Cód. SUSEP RG/VD 15.414.001772/2004-14. Sul América Companhia de Seguros. CNPJ 33.041.062/0001-09.

Aplicativo SulAmérica Auto.
Seu Seguro Auto agora na palma da sua mão.

Auto

Mais uma inovação da SulAmérica para seu cliente.

Agora o seu cliente baixa grátis o aplicativo SulAmérica Auto no smartphone e tem acesso, a qualquer momento, a diversas informações, como:

- Dados do seguro
- Cartão do seguro
- Rede de Benefícios (podendo traçar a rota até eles).
- Alerta de vencimento
- Endereços dos Centros Automotivos (podendo traçar a rota até eles).

Conte essa novidade para seus clientes. Disponível para celulares iOS e Android.

SulAmérica
associada ao ING

sulamerica.com.br

Vai dizer que você
pensou no seu banco
quando viu essa foto?
Tem horas que a última coisa que
vai passar pela sua cabeça é o seu banco.
Por isso, existe o Bradesco Prime:
para cuidar das suas finanças, dos seus
investimentos e de tudo que é da sua conta.
Para você ficar totalmente livre para pensar
nas outras coisas valiosas da sua vida.
VIVER É PRIME.
W|McCANN | BRADESCO
Fone Fácil Bradesco Prime: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933
bradescoprime.com.br
Bradesco
Prime